

## RUA DOS CAETÉS

Decreto nº 4976 de 28-10-1976, Artigo 2º, Inciso XIX

Formada pela rua 19 da Vila Costa e Silva

Início na rua dos Maracatins

Término na rua dos Iguás

Vila Costa e Silva

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas Lauro Péricles Gonçalves. Protocolado nº 17.054 de 01-07-1976, em nome de Administração Regional.

## CAETÉS

Caetés são índios brasileiros do grupo tupi, localizados, ao tempo da descoberta do Brasil e nos primeiros tempos da colonização, na região entre os rios São Francisco e Paraíba, no Nordeste brasileiro. Eram peritos na construção de embarcações e comerciavam com os franceses de quem eram amigos, e odiavam aos portugueses. Tornaram-se célebres pelo canibalismo, no caso de d. Pero Fernandes Sardinha, primeiro bispo do Brasil. Após esse fato foram objeto de tenaz perseguição por parte do governo de Duarte Coelho. Num trabalho de autoria de Gustavo Barroso, intitulado "O Derradeiro Inconfidente", publicado na seção "Segrêdos e Revelações da Historia do Brasil" da revista "O Cruzeiro", de 24-outubro-1959, esse notável historiador assim inicia: "Caeté, do tupi "caa-eté", mata de verdade ou mata espessa, foi o nome da do nos tempos coloniais a várias tribos, que, segundo Saint-Adolphe, "viviam embrenhadas para se subtraírem à guerra cruel, que lhe faziam outras... e levavam por onde quer que passavam a morte e a desolação".

## RUA DOS CAETÊS

Decreto nº 4976 de 28-10-1976



ARTIGO 2.º — Ficam denominadas as vias públicas da VILA COSTA E SILVA:

I — RUA DOS AIMORÉS — a Rua 1 que tem início na Rodovia Campinas-Barão Geraldo e término na Avenida 1 — Jardim Santa Genebra 1.ª Parte.

II — RUA DOS ANAPURUS — a Rua 2 que tem início à Rua 40 e término na Rua 33, ambas da Vila Costa e Silva.

III — RUA DOS ARATÁS — a Rua 3 que tem início à Rua 35 e término à Rua 30, ambas da Vila Costa e Silva.

IV — RUA DOS ARAPANÊS — a Rua 4 que tem início à Rua 40 e término à Rua 30 da Vila Costa e Silva.

V — RUA DOS ARAÊS — a Rua 5 que tem início à Rua 40 e término à Rua 30 da Vila Costa e Silva.

VI — RUA DOS AUETES — a Rua 6 que tem início à Rua 40 e término à Rua 30 da Vila Costa e Silva.

VII — RUA DOS APIACÁS — a Rua 7 que tem início à Rua 40 e término à Rua 37 da Vila Costa e Silva.

VIII — RUA DOS AIPUÁS — a Rua 8 que tem início à Rua 40 e término à Rua 37 da Vila Costa e Silva.

IX — RUA DOS AICUXUNAS — a Rua 9 que tem início à Rua 40 e término à Rua 37 da Vila Costa e Silva.

X — RUA DOS AÇOCÊS — a Rua 10 que tem início à Rua 34 e término à Rua 30 da Vila Costa e Silva.

XI — RUA DOS ARUAQUES — a Rua 11 que tem início à Rua 34 e término à Rua 30 da mesma Vila Costa e Silva.

XII — RUA DOS BAROROS — a Rua 12 que tem início à Rua 34 e término à Rua 30 da Vila Costa e Silva.

XIII — RUA DOS CAMURIS — a Rua 13 que tem início à Rua 41 e término à Rua 34 da Vila Costa e Silva.

XIV — RUA DOS CAMAIURÁS — a Rua 14 que tem início à Rua 41 e término à Rua 34 da Vila Costa e Silva.

XV — RUA DOS CANINGAS — a Rua 15 que tem início à Rua 41 e término à Rua 34 da Vila Costa e Silva.

XVI — RUA DOS CARAJÁS — a Rua 16 que tem início à Rua 41 e término à Rua 34 da Vila Costa e Silva.

XVII — RUA DOS CAIABIS — a Rua 17 que tem início à Rua 41 e término à Rua 36 da Vila Costa e Silva.

XVIII — RUA DOS CAXINUÁS — a Rua 18 que tem início à Rua 41 e término à Rua 36 da Vila Costa e Silva.

XIX — RUA DOS CAETÊS — a Rua 19 que tem início à Rua 41 e término à Rua 36 da Vila Costa e Silva.

XX — RUA DOS CARIJÓS — a Rua 20 que tem início à Rua 41 e término à Rua 36 da Vila Costa e Silva.

XXI — RUA DOS CATAGUASES — a Rua 21 que tem início à Rua 41 e término à Rua 36 da Vila Costa e Silva.

XXII — RUA DOS CHANÊS — a Rua 22 que tem início à Rua 41 e término à Rua 36 da Vila Costa e Silva.

XXIII — RUA DOS CARINÁS — a Rua 23 que tem início à Rua 36 e término à Rua 29 da Vila Costa e Silva.

XXIV — RUA DOS CAIAPÓS — formada pelas Ruas 24 e 25 da Vila Miguel Vicente Cury, tendo início à Rua 36 da Vila Costa e Silva e terminando à Rua 7 da Vila Miguel Vicente Cury.

XXV — RUA DOS GUARANIS — a Rua 25 que tem início à Rua 36 e término à Rua 29 da Vila Costa e Silva.

XXVI — RUA DOS GUAIANASES — a Rua 26 que tem início pela própria Rua 26 e pela 22 da Vila Miguel Vicente Cury, começa na Rua 36 e termina à Rua 5 da Vila Miguel Vicente Cury.

XXVII — RUA DOS GUARAMOMIS — a Rua 27 que tem início à Rua 36 e término à Rua 29 da Vila Costa e Silva.

18557 — Poeta — a Rua 46 que tem início à Rua 54 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.

XXIII — RUA JOÃO FRANCISCO LISBOA (1812 — 1863) — Escritor — a Rua 49, que tem início à Rua 54 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.

XXIV — RUA VISCONDE DE INHOMERIM — (1812 — 1876) — Jornalista e Escritor — a Rua 50 que tem início à Rua 46 e término à Rua 49 do mesmo loteamento.

XXV — RUA MARTINS PENA (1815 — 1843) — Escritor — a Rua 51 que tem início à Rua 42 e término à Rua Alfredo Borges Teixeira.



As relações entre brancos e índios, no entanto, no transcorrer da História do Brasil, não foram apenas de trocas de presentes e realização de festas. Quando os portugueses começaram a apossar-se da terra e a escravizar os índios, o relacionamento começou a mudar. Tendo uma cultura própria com uma ordem social estabelecida e padrões religiosos, houve tribos que se rebelaram, enquanto outras se entregaram ou fugiram para o interior. Ao rebelarem-se, os índios dariam muito trabalho aos portugueses e dificultariam a colonização. Em outros casos, ajudariam os colonizadores. Algumas tribos como os Tupinambás, tornar-se-iam inimigas ferrenhas dos portugueses, aliando-se aos franceses quando estes tentaram estabelecer-se no Brasil. E não deixaram de utilizar a técnica guerreira do europeu - canhões e pólvora - contra uma tribo inimiga, os Tupiniquins.

Tupinambás, Tupiniquins: embora existissem vários grupos espalhados pelo território brasileiro, os usos e costumes dos Tupis são os mais conhecidos. Pois foi principalmente com eles que os portugueses entraram em contato durante o período de colonização.

Ao mesmo tempo que dava notícia ao rei sobre a descoberta, Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota de Cabral, descrevia a terra e suas possibilidades, as gentes e sua cultura. Os trechos são precisos, quer na descrição física - "a feição deles é serem pardos, à maneira de avermelhados, de bons narizes; os cabelos são corrediços; andam tosquiados, de tosquia alta; as mulheres com cabelos muito pretos e compridos pelas espáduas" - , quer no registro de seus utensílios - "cortam sua madeira e paus com pedras feitas como cunha, metidas em um pau entre duas telas, muito bem atadas e por tal maneira que andam fortes".

O certo é que os portugueses, ao realizar a colonização, encontraram-se com os Tupinambás e Tupiniquins no litoral baiano, sendo que os Tupinambás se estendiam pelo Maranhão; Caetés e Tabajaras, em Pernambuco; Potiguares, no litoral do Ceará e Rio Grande do Norte; Taramambés, no litoral paraense; Tamoiós no litoral de São Vicente e Rio de Janeiro; Tupis e Guaranis, mais ao sul; e Tupinas e Amoipinas, no interior nordestino.

(Extraído do Capítulo "O Indígena" de fls. 33 a 36, no Vol. I de "História do Brasil", editada por Bloch Editores, edição de homenagem ao Brasil no 150º ano de sua Independência, 1972, Rio de Janeiro)



## RUA DOS CAETÉS

(Denominação dada pelo decreto 4976 de 28-  
bro-1976, à rua 19 da Vila Costa e Silva, com  
início à Rua 41 da mesma Vila e término à Rua  
dos Iguás (antiga rua 36 da Vila Costa e Sil-  
va).

CAETÉS - Índios brasileiros do grupo tupi, localiza-  
dos, nos primeiros tempos da colonização, na região entre os  
rios S. Francisco e Paraíba, no NE brasileiro. Peritos na  
construção de embarcações, comerciavam com os franceses, dos  
quais eram amigos, e odiavam os portugueses. Ficaram célebres  
pelo canibalismo, no caso de D. Pêro Fernandes Sardinha, pri-  
meiro bispo do Brasil; depois disso foram objeto de tenaz per-  
seguição por parte do governo de Duarte Coelho.

Variantes: Caeté e Caité.

(Extraído da pág. 180, volume 4,  
da Enciclopédia Brasileira Mérito)



## RUA DOS CAETÊS

CAETÊ, do tupi "caa-eté", mata de verdade ou mata espessa, foi nome dado nos tempos coloniais a vários tribos, que, segundo Saint-Adolphe, "viviam embrenhadas para se subtraírem à guerra cruel, que lhe faziam outras... e levavam por onde quer que passavam a morte e a desolação". Perpetuou-se o apelido na antiga povoação mineira, fundada a poucas léguas de Sabará, em 1701, pelo bandeirante paulista Leonardo Nardez.

(Trecho inicial do trabalho de autoria de Gustavo Barroso "O Derradeiro Inconfidente", da sessão "Segredos e Revelações da Historia do Brasil", publicada durante anos, pela Revista "O Cruzeiro", do Rio. A presente publicação data de 24-10-1959)